

***Tokyo Vice*, jornalismo e poder em narrativa seriada¹**

Luis Emanuel Fontana CALIXTO²

Éverly PEGORARO³

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR

RESUMO

Esta pesquisa busca estudar como a produção seriada *Tokyo Vice* (2022) representa as relações entre jornalismo e poder, de que forma ela utiliza da própria trama e dos personagens para discutir o jornalismo idealista e os desafios enfrentados por um jornal impresso na década de 1990, na sociedade japonesa. O seriado é uma adaptação do livro de memórias do jornalista Jake Adelstein, que trabalha para um jornal impresso de Tóquio. Para o estudo, foi utilizada a metodologia da narrativa seriada proposta por Azubel (2018), para analisar as representações acerca de um ocidental que se aventura no jornalismo investigativo num dos maiores veículos de comunicação japoneses.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; cultura da mídia; cultura de séries; representação; poder.

INTRODUÇÃO

O papel do jornalista é fundamental para a sociedade. Apurar informações e levá-las até o público, questionar e buscar pela verdade. Mas, nesse contexto, há complexas relações de poder. Sousa (2008) aponta críticas ao modelo ocidental do Jornalismo, que pode funcionar como um modelo de propaganda que beneficia grandes poderes econômicos. Um dos fatores abordados pelo autor é a concentração oligopólica de propriedades dos *media* que afeta a dinâmica de produção jornalística.

É esse cenário da influência do poder no jornalismo que Jake Adelstein (Ansel Elgort) precisa lidar. Na série *Tokyo Vice* (2022), são os tentáculos da máfia japonesa que se espalham pelos órgãos de justiça e comunicação. Na primeira temporada, encontramos o protagonista colocado numa posição sensível. Em busca do sonho de realizar um

¹Trabalho apresentado na IJ06 - Interfaces Comunicacionais do 22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de junho de 2023.

² Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Jornalismo da Unicentro. Pesquisa realizada pelo Programa de Iniciação Científica Voluntária da Unicentro, email: luisemanuelfontanac@outlook.com.br.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Comunicação da Unicentro, email: everlypegoraro@unicentro.br.

jornalismo sério e de importância, ele se muda para Tóquio, no Japão, um mundo e cultura diferentes. Nesse cenário, o jovem americano e jornalista idealista atua em meio aos choques culturais com os costumes japoneses.

Ambientado nos anos 1990, Jake Adelstein começa investigações que o levarão a confrontar poderosos chefes do crime. A produção é uma adaptação do livro de mesmo nome, escrita pelo próprio jornalista.

A proposta desta pesquisa é analisar a relação entre jornalismo e poder, por meio das representações que a série constrói sobre um jornalista no cotidiano profissional, e sobre os dilemas éticos enfrentados numa sociedade completamente diferente da qual estava acostumado. Há representações sobre o mundo do crime e as influências de poder dentro dele, da polícia e dos jornais, da cultura oriental e seus choques com a cultura ocidental e, por fim, da representação do jornalista idealista.

A pesquisa está em andamento, portanto, nesse texto, apresenta-se os resultados parciais por meio da análise de uma sequência de cenas que problematiza o jornalista, entre a frieza de buscar a verdade a qualquer custo, e o indivíduo que se compadece com o contexto de impotência em que está inserido.

AS REPRESENTAÇÕES EM *TOKYO VICE* (2022)

As representações midiáticas funcionam como processos de produção de diferentes significados. Silverstone (2002) argumenta que a mídia carrega o poder de controlar as dimensões produtivas e distributivas do conteúdo simbólico contemporâneo. O autor afirma que a mídia deu às pessoas palavras que devem dizer e ideias que devem expressar. Ela não funciona apenas como fonte de informação, mas também como entretenimento. Portanto, entender seus significados e motivações é fundamental para uma análise dos processos de representação.

Nas representações de *Tokyo Vice* (2022), acompanhamos a jornada do protagonista, conhecendo o mundo do crime da cidade japonesa. As virtudes do personagem, que quer melhorar a sociedade através do jornalismo, levam o espectador a se aproximar da história. Jost (2012) aponta que a força das séries resulta da exploração do encanto pelo desconhecido junto à familiaridade de heróis que chegam à verdade.

Apesar da forte importância de Jake, o personagem Sato, vivido por Shô Kasamatsu, que é membro da Yakuza⁴, cresce na trama e permite a conexão com uma cultura diferente. Sato não nos ensina só sobre a Yakuza em si, mas como um membro se comporta para além do alto escalão. Supor que quem vive no mundo do crime o faz simplesmente por ser uma má pessoa não existe em *Tokyo Vice* (2022).

O seriado explora e subverte duas típicas formas de representação, a de Jake (o herói bonzinho), que vai se tornando mais cinza ao adentrar nos esquemas de Tóquio, e um Yakuza (o vilão maléfico), que vai se tornando mais cinza também, ao mostrar seu lado mais sensível e gentil para com as pessoas com quem tem uma conexão mais forte.

Os paralelos e os espelhamentos entre estes dois personagens são representações que constroem o mundo da série nos anos 1990. Década do século XX na qual, segundo Sousa (2008), emergiu no Ocidente uma nova corrente jornalística conhecida como jornalismo cívico, que prevê um envolvimento maior dos jornalistas com a comunidade.

A realidade da série não é a de que o público influencia na comunicação e na verdade dita pelos jornais. Em *Tokyo Vice* (2022), percebemos a representação de uma sociedade na qual assassinatos envolvendo a Yakuza eram relatados pela polícia como suicídio para que os números de casos não solucionados não crescessem. A verdade é manipulada para manter as aparências.

Sousa (2008) estuda o modelo ocidental de jornalismo e seus ideais de liberdade de expressão e de imprensa. Sobre como a mesma deveria ser independente do Estado. Era direito dos jornalistas comentarem, interpretar e criticarem as atividades de poder dos agentes institucionais sem sofrerem repressão. Embora um sonho idealista, a real situação era de que, devido a influência de grupos de pressão poderosos, se tornou desequilibrada a luta simbólica pela verdade e justiça. É nesse cenário que encontramos Jake Adelstein.

METODOLOGIA E ANÁLISE DE CENA

Para esta pesquisa, foi utilizada a metodologia de análise de narrativa seriada (Azubel, 2018; Casetti e Di Chio, 2013), com a descrição e, posteriormente, interpretação da sequência de cenas selecionada. Como pontos específicos para este estudo de

⁴ Yakuza é uma organização criminosa com início no século XVII. Originalmente formada apenas por homens, a facção trabalha com extorsão, tráfico de drogas e lavagem de dinheiro. Teve seu auge no século XX.

representações em *Tokyo Vice* (2022), serão selecionados a dinâmica de personagem e o enredo.

O protagonista da série chega no Japão com a mentalidade idealizada. Ele acredita fielmente no papel do jornalista em trazer a verdade de forma justa, mas logo encontra-se em cenários cada vez mais complexos que o levam a testar seus princípios. Na Temporada 1, episódio 5, intitulado “Todo Mundo Paga” (sequências de cena 17’47” a 22’42” e 36’19” a 37’30”), Jake investiga uma empresa de finanças que, por debaixo dos panos, tem levado seus clientes a tirarem a própria vida para coletarem o seguro.

Adelstein consegue uma entrevista com um dos funcionários da empresa, que confirma fazer parte do esquema. O mesmo funcionário marca uma conversa com Jake na própria casa, onde vai entregar documentos que revelem o envolvimento da Yakuza nas ações criminosas.

Jake deixa o escritório dessa fonte, que fica relutante quanto a passar mais informações. Em seguida, o próprio funcionário marca uma conversa com chefes da Yakuza para decidirem o que deve ser feito. A “solução”, que vemos em seguida, foi a de que o funcionário deveria tirar a própria vida para que não pusesse o esquema em risco.

O americano e seu colega do trabalho, “Tintin” Shinohara, vão até a casa do financista e encontram seu corpo, pois o homem cometeu suicídio. Eles aguardam fora da casa ao lado dos vizinhos curiosos que se juntaram no local. O jornalista norte-americano sente raiva pela fonte ter cometido suicídio e deixado um bilhete, assumindo responsabilidade por tudo e protegendo a Yakuza.

Do seu lado, “Tintin” se estressa com as reclamações de Jake e exclama: “Ele se matou por nossa causa. A culpa é nossa. E você está preocupado com a sua história?”. Ao que Adelstein responde, sem mudança de expressão: “Cara, esse é o nosso trabalho” (36’43” a 36’54”).

O colega de Jake deixa a cena do crime. A esposa desesperada e as duas crianças do funcionário se juntam à multidão, pedindo para que os policiais os deixem passar. O jornalista os observa, ele e a pequena menina se olham, antes dela ser puxada pela mãe e entrar na casa. Adelstein permanece parado, agora com mudança na expressão.

Em menos de dois minutos, o personagem tem uma grande mudança na sua trajetória porque, ao aguardar na frente da casa da vítima, ele é forçado a ver a família chegar e lidar com a realidade. Segundos antes, o funcionário era só uma fonte, alguém

“sujo” que merecia ser desmascarado porque estava ligado à Yakuza. Mas ao ver a filha dele, Jake vê o ser humano, percebe que a fonte era um pai e um marido.

RESULTADOS PARCIAIS

Por meio de uma trama que trabalha o mistério da investigação para desenvolver o enredo, a série abre espaço para estudar seus personagens e suas diferenças – culturais e ideológicas. Dessa forma, se percebe em *Tokyo Vice* (2022) diferentes representações. Falhas de caráter, principalmente nos protagonistas, dão personalidade e verossimilhança à realidade, até porque alguns se tratam de pessoas inspiradas na realidade.

O seriado tem a capacidade de entregar representações de personagens mais complexos do que o arquétipo do bom e do mal, mesmo no jornalismo. Jake está cegado pelo seu trabalho e a chance de escrever sobre uma história tão rica de cunho jornalístico. É a representação do jornalista idealista, que coloca a busca pela verdade acima de tudo.

Na sequência de cenas analisada, é justamente essa questão abordada, pois a fonte perde sua “essência humana” para Adelstein que, num primeiro momento, não se compadece com a sua morte. A virada ocorre quando ele percebe a família da vítima e, então, entende que a realidade do fato que investiga é muito mais complexa do que parece. Antes de perder a fonte e prejudicar o andamento da investigação jornalística, é uma família que perde um ente querido, vítima das relações de poder e violência da comunidade local.

Como mencionado anteriormente, esta pesquisa encontra-se em andamento e a presente análise permite problematizar os dilemas vivenciados pelo personagem principal em sua representação do jornalista idealista, visto que o protagonista se vê de frente com cenários que envolvem a influência do poder na construção da verdade jornalística. Fatores que, ao longo de toda a narrativa, o farão questionar seus próprios ideais.

REFERÊNCIAS

AZUBEL, Larissa Lauffer Reinhardt. Análise fílmico-compreensiva da narrativa seriada: uma proposta metodológica para ler o imaginário em séries de TV. *Revista GEMInIS*, São Carlos, UFSCar, v. 9, n. 2, pp.29-45, mai. / ago. 2018.

CASSETTI, Francesco; Di CHIO, Federico. *Cómo analizar un film*. Barcelona: Paidós, 2013.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, nº 2, p. 15-46, jul./dez. 1997. Artigo traduzido do original publicado em THOMPSON, Kenneth (ed.). *Media and cultural regulation*. London, Thousand Oaks, New Delhi: The Open University; SAGE Publications, 1997.

JOST, François. *Do que as séries americanas são sintoma*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia*. São Paulo: Loyola, 2002.

SOUSA, Jorge Pedro. *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*. 2008.

VICE Tokyo. *Todo Mundo Paga*. Direção: Hikari. Produção: John Leshner, Michael Mann, J.T. Rogers. Estados Unidos. HBOmax, 2022. Streaming (1h03min.).